

Anti-trote: redução ao Trote e *Bullying*

Rosiane Maria da Silva

Doutora em Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)

Laura Bruna Aparecida Silva

Aluna do curso técnico em Agropecuária

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM)



Introdução

Em tese recente, Silva (2015) pesquisou que os trotes no Colégio Agrícola de Uberlândia, na década de 1970 a 1980, eram amparados pela cultura e administração da própria instituição, havendo uma comissão de trote constituída por presidente, secretário, advinda do segmento discente. Este projeto de extensão teve como intuito promover reflexões a respeito desse tipo de violência escolar na instituição de ensino, tendo como amparo legal leis atuais, tais como a lei nº 13185 de 2015, que criminaliza os atos de intimidação sistemática (*bullying*) e leis coibitivas sobre trote estudantil. A Lei nº 13.185, sancionada em 6/11/15 pelo Governo Federal, que instituiu o Programa Nacional de Combate ao *bullying*, determina que atos de violência (intimidar, constranger, agredir física, moral ou emocionalmente) sejam coibidos e punidos dentro das instituições de educação. Em 2015, ocorreu uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) nas universidades paulistas, devido a denúncias graves de abuso dentro destas instituições. Como resultados desta CPI, foi recomendado ao Ministério Público que trotes fossem considerados como crimes de tortura. Um projeto de lei da Câmara dos deputados federais de 2015 coloca que os trotes sejam julgados como crime de contravenção penal, passível de multa e prisão.

Com base nessas legislações, as instituições de educação devem ter o dever de trabalhar ações que previnam e combatam essas práticas.

Um dos objetivos deste projeto foi promover reflexões na comunidade do IFTM a respeito de temas tais como *bullying*, *cyberbullying*, trote e outras formas de violência, que são banalizados como brincadeiras e tradições culturais, as quais, porém, afetam a integridade física, psíquica e intelectual de alunos da mesma instituição de ensino.

Na literatura, encontram-se estudos (MEDEIROS, 2008; FREITAS, 2008) que apontam que o trote é fator de evasão dos alunos de escolas agrícolas. O presente relato de experiência teve entre seus dados levantados

que trotes diversos levaram à evasão ou risco desta, na instituição em que ocorreu a ação. Sendo assim, projetos de extensão de tal natureza constituem-se como forma de promoção de mudança de tais dificuldades existentes nas instituições de educação.

2. Desenvolvimento

2.1. Fundamentação teórica

Este projeto de extensão pauta suas bases teórico-metodológicas nos estudos de Almeida Júnior e Queda (2003; 2006) e Almeida Júnior (2011), acerca dos estudos sobre o trote. Inicialmente, o conceito de instituição trotista assume fundamental importância, remetendo à seguinte proposição:

Chamamos de trotistas não apenas os alunos que aplicam ou recebem o trote, mas todos aqueles que de alguma forma contribuem para a sua manutenção. Por exemplo, podem ser trotistas professores, funcionários, dirigentes de universidades, jornalistas, políticos, governantes, famílias e instituições de ensino (ALMEIDA Júnior; QUEDA, 2003, p. 10).

A partir desta crítica, acreditamos ser pertinente esclarecer a palavra trote, que remete ao ato do cavalo entre o passo e o galope, ou seja, de adestramento deste animal. No contexto das instituições educacionais, tal conceito refere-se ao ato praticado pelos alunos mais experientes em adestrar o aluno ingressante, considerando-o um animal (MATTOSO, 1985). No atual cenário da sociedade, de violências e conflitos, lutar contra a barbárie é um dos mais importantes objetivos da educação (ADORNO, 1995). Assim, acreditamos que atos como os trotes e outros atos de violência, observadas nas instituições educacionais tanto no início do ano letivo como em seu decorrer, precisavam ser reflexionadas e modificadas.

Alguns autores destacam que os trotes nas escolas agrícolas foram apontados como fatores

para a evasão de estudantes (SCREMIN, 2008; FREITAS, 2008; MEDEIROS, 2008; SALVADOR; GONÇALVES, 2010; RESENDE, 2012).

Medeiros (2008) descreveu que atos como a ocupação da cama do aluno do 1º ano e a apropriação de roupas ou de outros pertences desses alunos por parte de alunos mais experientes constituíram causas para a evasão de alunos moradores de alojamento escolar do Colégio Agrícola Estadual do Paraná. Resende (2012) investigou que causas da evasão escolar em uma Escola Técnica Agrícola estavam relacionadas aos trotes de alunos de 3º ano aplicados aos do 1º ano. Nessa escola, os alunos do 3º ano denominavam-se de Terceiros anos (Tas), os do 2º ano de “dog” e os do 1º ano de “gabirus”.

Salvador e Gonçalves (2010) pesquisaram o internato em instituição agropecuária do Espírito Santo, no qual os trotes também estavam relacionados a causas de insatisfação dos estudantes. Os autores identificaram que entre os 40 estudantes que participaram do estudo, 6% mencionaram que os trotes e as rixas entre os colegas eram percebidos como fatores negativos da escola.

Scremin (2008) investigou a opinião de servidores, alunos e pais de uma instituição agropecuária em Santa Catarina acerca dos fatores de evasão. Nessa pesquisa, o trote ocupou parte significativa dos motivos que determinaram a evasão de alunos de 1º ano dessa escola. Na análise dos dados com 72 servidores, os trotes ocuparam 13,5% das causas relacionadas à evasão, sendo o 2º fator mais evidenciado como determinante da evasão. Na análise dos dados com seis alunos evadidos, o trote aplicado por alunos de 3º e 2º anos foi fator decisivo para sua evasão.

Igualmente, nas universidades, o trote também tem encontrado relação com violência, humilhações, mutilações, assédio sexual e evasão (ZUIN, 2002, 2011; ALMEIDA JÚNIOR; QUEDA, 2003, 2006; ALMEIDA JÚNIOR, 2011). Entretanto, os trotes ocupam lugar de destaque nos veículos informativos apenas quando ocorrem mortes ou mutilações (ZUIN, 2002, 2008, 2011; ALMEIDA JÚNIOR; QUEDA, 2003; ALMEIDA JÚNIOR, 2011). Após sanções legais devidamente tomadas, a violência no ambiente educacional tende a ser esquecida pela direção das universidades, pelas autoridades judiciais e

comunidade externa, até surgirem novas barbáries. Infelizmente, apesar de as instituições universitárias se posicionarem contra o trote, este continua ocorrendo livremente nas repúblicas estudantis e em outros espaços educacionais formais e informais (ALMEIDA JÚNIOR, 2011; ZUIN, 2011).

No caso das escolas agrícolas com alojamento, não raramente os trotes, que também são proibidos pelos regulamentos discentes dessas, também são encontrados no cotidiano das salas de aula e desse ambiente em que os alunos residem dentro das instituições de ensino (alojamentos).

2.2. Metodologia

O local da atividade de extensão foi o IFTM *Campus* Uberlândia, localizado na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A equipe que realizou a proposta foi composta pela autora deste artigo, bem como 3 alunos dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, sendo 1 bolsista e 2 voluntários. Propôs-se que tanto alunos quanto servidores e professores fossem beneficiados pelo projeto, havendo uma modificação da instituição em torno da temática trote. Para tanto, foi realizada uma divulgação por meio da internet acerca do projeto para os servidores e professores do campus, utilizando-se de um texto de um autor referência na área, professor Antônio Ribeiro Almeida Júnior. Posteriormente, a coordenadora e alunos participantes do projeto fizeram uma divulgação da proposta para a comunidade escolar de forma presencial, nas salas de aula.

Desenvolvemos, em seguida, com alunos e servidores um diário de bordo sobre o esporte do laço, nos quais foram discutidos como essa prática vinha sendo conduzida de forma inadequada pelos alunos, com o ato de laçar alunas e animais, contrariando o respeito aos seres envolvidos. Os dados foram tabulados, demonstrando a diversidade de posicionamentos desfavoráveis e favoráveis à atividade.

No 1º semestre, produzimos um breve índice de trotes e atos de *bullying*, que foram compartilhados com uma das equipes de trabalho, a CGAE (Coordenação Geral de Assistência ao Educando), ligada de forma direta e indireta com a questão dos trotes e *bullying* (Tabela 1).

Tabela 1- Tabela de Índice de *Bullying* e Trotes no IFTM *Campus* Uberlândia- ano 2016.

Situação	Tipo	Principais consequências:	Data	Curso(s) envolvido(s)
2 Alunos de 1º ano foram obrigados a pagar flexões. (2 vítimas)	Trote	Constrangimento; risco de evasão dos alunos vítimas.	02/2016	Técnico integrado de agropecuária (agressores); Técnico integrado de informática e agropecuária (vítimas)
2 alunos de 1º ano foram obrigados a colocar capa em Facebook com conteúdo de opressão ¹ (2 vítimas)	Trote	Constrangimento.	02/2016	Técnico integrado de alimentos (vítimas). Autores desconhecidos
Turmas de 1º ano foram chamados de “frangos” por colegas de 2º ano (60 vítimas)	Trote	Constrangimento.	03/03/2016	Técnico integrado de agropecuária

Situação	Tipo	Principais consequências:	Data	Curso(s) envolvido(s)
Alunos de 1º ano chamaram colegas de 2º ano de porcos. (3 vítimas)	Trote	Constrangimento.	19/02/2016	Técnico integrado de agropecuária.
Aluno de 1º ano foi obrigado a pagar trotes no alojamento. (1 vítima)	Trote	Constrangimento diante de colegas de alojamento. Evasão do aluno do IFTM.	20/02/2016	Técnico integrado de agropecuária (vítima). Técnico integrado de (agressor)
Aluna do sexo feminino foi alvo de tapas na cabeça, intimidação para ser apelidada e foi laçada no pé por colegas de 3ª série (1 vítima)	Trote e <i>Bullying</i>	Evasão do curso por aluna alvo da agressão.	08/03/2016	Técnico integrado de agropecuária.
Aluno do sexo masculino intimidado por colegas de sala durante oficina da Recepção cidadã. (1 vítima)	<i>Bullying</i>	Baixa autoestima, retraimento social, estresse psicológico, constrangimento diante dos colegas.	11/06/2016	Técnico integrado de agropecuária
Aluno do sexo masculino com atitudes desrespeitosas e de preconceito com grupos de mulheres, pobres, negros e homossexuais (2 vítimas)	<i>Bullying</i>	Baixa autoestima dos colegas alvo da agressão, agravamento de quadros de depressão.	05/06/2016	Técnico integrado de informática

¹ “Sou novato burro e amo meus veteranos”.

As informações acima se referem a diversos atos de trotes e *bullying* ocorridos e registrados ao longo do semestre. As principais ações registradas foram:

- atos de rivalidade entre turmas, com uso de apelidos pejorativos, jogar milho na porta das salas para turmas (frango, porco);
- laçar colegas do sexo feminino com cordas;
- obrigar colegas ingressantes a colocar capa com frase ofensiva sobre ingressante nas redes sociais: “Sou novato burro e amo meus veteranos”;
- trotes aplicados no alojamento;
- assédio como apelidos e tapas na cabeça.

Além disto, os trotes e atos de *bullying* registrados ocasionaram dois casos de evasão e em outro caso, o aluno quase desistiu da vaga. Nos casos de evasão, uma aluna alvo da agressão passou por situações como tapas na cabeça, imposição de apelido, ser laçada por colegas. O outro aluno que evadiu do curso passou por trotes no alojamento. Um aluno que teve que pagar flexões para os colegas quase evadiu da escola. O projeto de extensão esteve referendado na ocorrência de tais situações de violência, sendo estes motivos de reflexão sobre a banalização presente na instituição, ou seja, muitas vezes, a comunidade escolar considera brincadeira atitudes violentas, causadoras de sofrimento e constrangimento.

Promovemos também minicursos, a fim de capacitar estudantes a respeito de temas como trote e *bullying*, conceitos, origem da palavra e reflexões. Tivemos ainda roda de conversa com os alunos a respeito da temática, obtendo, assim, momentos reflexivos em relação a práticas cristalizadas na ins-

tuição de ensino, tais como apelidos pejorativos e outras atividades consideradas tradição pela instituição, como os trotes de impor que os ingressantes peçam bênção aos alunos mais experientes. Alguns alunos expuseram seus questionamentos e a discussão levou-os a repensar tais práticas.

Ao final do projeto, organizamos um concurso de cartazes sobre *bullying* e *cyberbullying*, em que alunos foram estimulados a expressar visualmente situações de racismo, machismo, homofobia, xenofobia e psicofobia (Figura 1).

Os trabalhos premiados representaram, de forma criativa, questões como machismo, racismo e homofobia. Será apresentado a seguir o trabalho com 1ª colocação (vide figura 2).

Figura 1. Cartaz para divulgação do concurso de cartazes ocorrido no IFTM, o qual contém informações relevantes sobre o concurso são retratadas neste cartaz.



Fonte: Concurso de cartazes do IFTM Campus Uberlândia

Figura 2. Cartaz produzido que recebeu 1ª colocação no concurso de cartazes. Conteúdo abordou a temática racismo.



Fonte: Concurso de cartazes do IFM Campus Uberlândia

Conclusões

Concluimos, por meio desta experiência, que a discussão sobre o tema do presente projeto ainda é necessária por parte de toda comunidade escolar e que as concepções e práticas em relação ao tema trote e bullying sejam modificadas. Um dos argumentos que deve ser utilizado para a continuidade deste projeto foi a constatação da ocorrência de duas evasões no período de 2016, provocadas por atos com caráter troquista e de intimidação. Entretanto, notamos que houve uma diminuição de comportamentos violentos e excludentes dentre os estudantes, como menor grau de homofobia, de atos de rivalidade entre turmas e da prática de laço em ambiente acadêmico.

Consideramos importante também uma ação permanente deste projeto, a fim de que consigamos obter uma maior aceitação dos alunos e servidores com relação a tais temáticas, haja vista que foi percebida a manutenção de determinado grau de trotes, *bullying* e outras formas de violência institucionalizadas ainda na instituição. A ação de envolver de forma mais abrangente o segmento dos servidores e professores também se faz necessário, uma vez que as raízes do trote são institucionais e o apoio de toda a comunidade acadêmica somente fortalece o êxito da proposta.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

ALMEIDA JR, A. R.; QUEDA, O. **Trote na ESALQ**. Piracicaba: Edição Própria, 2003.

ALMEIDA JÚNIOR, A. R.; QUEDA, O. **Universidade, preconceitos e trote**. São Paulo: Hucitec Editora, 2006.

ALMEIDA JÚNIOR, A. R. **Anatomia do trote universitário**. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.

FREITAS, C. J. **Educação agrícola, violência instituída e exclusão do jovem do campo**. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MATTOSO, G. **O calvário dos carecas**. São Paulo: EMW Editores, 1985.

MEDEIROS, W. M. M. **Evasão escolar e educação: o caso do Centro de Educação Profissional Agrícola Estadual Mohamad Ali Hamzé**. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1443-8.pdf>>. Acesso em: 01 de ago. 2012.

RESENDE, M. L. A. **Evasão escolar no primeiro ano do Ensino Médio integrado do IFSULDEMINAS**. Dissertação (Mestrado Política Social) - Prog. Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, *Campus Machado*, 2012.

SALVADOR, D.; GONÇALVES, S. M. M. Vida acadêmica dos alunos do curso técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio no sistema de internato: percepções e desafios. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCACION., BUENOS AIRES, 2010. **Metas 2021**. Buenos Aires, Repúb. Argentina, 2010.

SCREMIN, S. M. B. **Evasão-permanência em uma instituição total de Ensino técnico**: múltiplos olhares. Tese (Doutorado Engenharia de Produção) - Prog. Pós-Grad. Engenharia de Produção e sistemas, UFSC, Florianópolis, 2008.

SILVA, R. M. **"Só vencem os fortes"**: a barbárie do trote na Educação Agrícola. Tese. Doutorado em Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

ZUIN, A. A. S. **Adoro odiar meu professor**- o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico. Campinas: Ed. Autores Associados, 2008.

ZUIN, A. A. S. **O Trote na universidade**- passagens de um rito de iniciação. São Paulo: Cortez Editora, 2002 (Questões da nossa época).

ZUIN, A. A. S. O trote na universidade como violência espetacular. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 6, n. 2, p. 587-603, 2011